



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

JANDILSON DE SOUSA OLIVEIRA

**RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: compreensões acerca da
afetividade em sala de aula**

Cajazeiras/PB

2015

JANDILSON DE SOUSA OLIVEIRA

**RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: compreensões acerca da
afetividade em sala de aula**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande - Campus de Cajazeiras/PB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dra. Zildene Francisca Pereira.

Cajazeiras/PB

2015

INTRODUÇÃO

[ũ] Como professor [ũ] preciso estar aberto ao gosto de querer bem [...] aos educandos e à própria prática educativa de que participo.

Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la.

(FREIRE, 1996)

Nos dias atuais a prática docente sempre foi e, ainda, é alvo de inúmeros estudos. Muitos desses estudos detectaram que o professor necessita estar preparado para saber utilizar bons recursos didáticos, possuir uma eficaz metodologia e necessita manter contato com seu aluno, mais especificamente para que possa existir uma boa relação.

Wallon (1941/1995) considera a pessoa como um todo e é assim que o professor deve considerar o aluno através dessa relação, não percebendo-o como um ser que não tem ideias próprias e/ou até mesmo que vai para a escola apenas para aprender, sem entender que ele também é sujeito da construção do conhecimento.

A partir da compreensão desse aspecto é que podemos dizer que o próprio professor desempenha uma função importante para a aprendizagem da criança mantendo uma relação afetiva. Através dessa, o professor será um mediador no processo de ensino e aprendizagem e não um detentor de todo o saber. Por meio dessa relação o próprio professor encontrará uma melhor forma de construir o conhecimento dentro da sala de aula, considerando os saberes que as crianças trazem do meio em que vivem.

Atualmente tornou-se notório o aumento dos estudos sobre os aspectos que permeiam a prática pedagógica, bem como a importância da relação professor aluno. Dentre esses aspectos podemos ressaltar a discussão da afetividade como primordial para entendermos a relação professor-aluno em sala de aula. Desse modo, nos pautaremos na teoria de Henri Wallon (1941/1995)

para subsidiar nossos estudos iniciais, nos basearemos, ainda, em pesquisadores que estudam a temática afetividade na perspectiva walloniana.

Pessoalmente sempre tive o intuito de estudar e pesquisar de forma aprofundada o cerne existente entre a relação professor-aluno, pois sempre acreditei que um professor pode ter os melhores livros didáticos, possuir a melhor metodologia, utilizar os melhores recursos didáticos, almejar os melhores objetivos e realizar a melhor avaliação, mas o que realmente faria esses aspectos se tornarem qualitativos é quando o próprio professor cultiva e mantém uma relação com o sujeito-alvo desses livros, metodologias, recursos didáticos, etc., ou seja, com o aluno.

Penso que o professor nunca deverá se tornar um sujeito à parte com as nuances que envolve o aluno e deve compreender claramente o processo de ensino-aprendizagem de forma que oportunize novos conhecimentos. Como processo, entendemos ser uma construção gradativa e harmoniosa.

Foi através de estudos voltados para o entendimento da relação professor-aluno que encontrei o fator que é relevante para essa discussão que é a afetividade. Com isso fui desvelando que um professor que tem uma boa relação com o aluno necessita ser afetivo, e que esse mesmo não se liga, exclusivamente, como sendo o afeto um contato carinhoso, mas algo complexo e profundo para se entender e pesquisar. E em meio às pesquisas que realizei deparei-me com o psicólogo Henri Wallon. Ele conceitua analiticamente o que vem a ser a afetividade.

Foi então, a partir desse ponto, que participei ativamente do Grupo de Estudos e Pesquisas em Afetividade na Prática Docente que tem como Coordenadora/Pesquisadora a professora Dra. Zildene Francisca Pereira, vinculada a Unidade Acadêmica de Educação (UAE) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) na qual sou discente.

O grupo se baseia nos estudos da teoria walloniana e em autores que discutem a afetividade, a relação professor aluno, bem como as práticas pedagógicas sob a ótica de Henri Wallon (1941/1995). As discussões se realizavam semanalmente e depois quinzenalmente, sempre por meio de estudos, discussões, apresentações de textos expostos oralmente e também por produções de artigos e diários de itinerância, momento em que cada participante

escrevia suas primeiras impressões dos textos, mediando com as experiências pessoais, estudantis e profissionais. Participar desse grupo tornou-se bastante produtivo e significativo para cada vez mais compreender claramente como posso me constituir um professor, levando em consideração o entendimento da criança integral.

Escolher a teoria walloniana não foi algo simples, mas fui motivado pela questão que o mesmo aborda a afetividade, a cognição e a motricidade e discorre, ainda, sobre o desenvolvimento e compreensão do ser humano como pessoa integral. Reflete sobre a importância do meio e as contribuições para o processo de ensino-aprendizagem, valorizando a relação professor-aluno como elemento fundamental no processo de desenvolvimento da pessoa completa.

Podemos enfatizar que a teoria walloniana nos traz grandes contribuições para a compreensão das relações entre professor e aluno, além da noção de domínios funcionais: a afetividade, o conhecimento, o ato motor e a pessoa (WALLON, 1995).

Para a realização deste trabalho monográfico elaborei o seguinte problema de pesquisa: Qual a compreensão de professores e alunos com relação ao entendimento da afetividade em sala de aula? Para responder a esse questionamento elaborei alguns objetivos que foram respondidos ao longo da pesquisa. No objetivo geral temos: Analisar a relação professor-aluno na perspectiva walloniana no contexto da sala de aula a partir da compreensão de professores e alunos. Os objetivos específicos estão assim descritos: conceituar a afetividade segundo Henri Wallon; investigar as implicações da relação professor-aluno para a aprendizagem e refletir a importância da afetividade na relação professor-aluno.

Esta pesquisa está dividida em três capítulos: O primeiro vem trazer os conceitos teóricos que fundamentam nossa percepção inicial, apresento a teoria de Henri Wallon como o principal referencial para este trabalho e demais autores que consideram a perspectiva walloniana sobre o desenvolvimento da pessoa completa levando em consideração a dimensão da afetividade, e dentro dessa o que vem a ser as sensibilidades interoceptiva, proprioceptiva e exteroceptiva; a dimensão cognitiva, a dimensão motora, e imbricada nessa as funções cinética e postural; e a dimensão da pessoa. Em seguida abordo a questão da relação

professor-aluno e para isso apresento autores que refletem sobre a escola como espaço de construção da relação professor-aluno, sobre a sala de aula como ambiente de efetivação dessa relação e das demais dimensões citadas, inicialmente, abordo também a construção da aula e as reflexões de autores sobre o processo de ensino-aprendizagem.

No segundo capítulo apresento os procedimentos metodológicos que balizaram esse estudo, descrevendo, assim, como sendo uma pesquisa exploratória segundo os procedimentos necessários para uma abordagem direta para uma pesquisa de campo. Para a coleta de dados com as professoras foi utilizado um questionário com questões abertas. Ainda sobre os sujeitos da pesquisa apresento quatro alunos das respectivas professoras que participaram da pesquisa mediante a autorização dos pais ou responsáveis e para a coleta de dados com esses sujeitos foi realizada uma entrevista com a gravação unicamente das vozes dos alunos.

No terceiro capítulo apresento as análises dos dados que foram organizados a partir de dois eixos: o primeiro tem como foco a relação professor-aluno e baseado nesse surgiu às concepções de afetividade no processo de ensino-aprendizagem segundo as próprias professoras. O segundo eixo tem como foco a sala de aula onde professores e alunos constroem o conhecimento, e esse surgiu das considerações feitas pelos alunos.

Por fim, nas considerações finais podemos dizer que nossos objetivos foram alcançados e que é possível fazer com que professores e alunos tenham um maior e melhor comprometimento em sala de aula, considerando a existência de uma boa relação professor-aluno.

1. AFETIVIDADE, COGNIÇÃO, MOTRICIDADE E PESSOA NA PERSPECTIVA WALLONIANA

[...] todas as decisões pedagógicas que o professor assume, no planejamento e desenvolvimento do seu trabalho, têm implicações diretas no aluno, tanto no nível cognitivo quanto no afetivo. Essas decisões são inúmeras, considerando que parte delas é planejada, mas grande parte é fruto das situações imprevistas que ocorrem no cotidiano da sala de aula. (LEITE, 2006, p. 25)

A afetividade, na maioria das vezes, é entendida como uma simples característica que uma pessoa pode ou não possuir em sua personalidade. Como uma das características, o indivíduo demonstra carinho e cuidados ao se relacionar com o outro.

Considerando essa perspectiva é que refletimos inúmeras vezes, quando se tratando do trabalho docente do próprio professor em sala de aula, como sendo algo inerente a sua prática. Esse cerne levou-nos a pensar que o professor deve, quase que obrigatoriamente, ser um sujeito afetivo em seu espaço de trabalho, que o mesmo deve ser carinhoso para com o educando, pois era a garantia que simples atos ou gestos de abraçar, pegar na mão, beijar a face, etc., poderiam favorecer o processo de ensino-aprendizagem. Tais gestos carinhosos eram meios de fazer com que o educando se sentisse bem e agradável em um ambiente que gera harmonia por meio dessa boa relação que julgava ser afetividade ou afeto.

A relação professor-aluno que estava baseado em carinho, ou seja, que acreditava ser afetividade era um meio que se tornava facilitador, tanto do trabalho docente, quanto favorecedor da aprendizagem do aluno. Para isso, ser afetivo deveria ser característica da personalidade do professor e assim o seu modo de conduzir a aula seria de maneira mais branda, calma, que transmitisse tranquilidade. Para o educando, o mesmo tinha uma maneira de aprender que, por meio dos gestos de carinho, da atenção e segurança advindos do professor, tinha a garantia máxima de aprendizagem. No entanto, a afetividade tem seu conceito ampliado e foi foco dos estudos do Psicólogo francês Henri Wallon.

Para Dér (2010, p. 61) Wallon conceitua a afetividade como um [...] conjunto funcional que responde pelos estados de bem-estar e mal-estar quando o homem é atingido e afeta o mundo que o rodeia. Nessa perspectiva podemos afirmar que a afetividade é uma reação do indivíduo a ações do meio externo, bem como interno. O modo como os conhecimentos que o meio fornece pode afetar esse sujeito e também como ele reage ou afeta o meio, é para Wallon (1941/2007) a afetividade, que poderá provocar bem ou mal-estar.

A afetividade tem origem nas próprias estruturas orgânicas do sujeito, pode ser interoceptiva e proprioceptiva. A interoceptiva é a sensibilidade que se liga diretamente aos órgãos internos de um sujeito, por exemplo, a aceleração dos batimentos cardíacos provocados por uma sensação de alegria ou decepção. Já a sensibilidade proprioceptiva corresponde à postura do sujeito e se liga aos tendões e as articulações, ou seja, ao equilíbrio (DÉR, 2010). Por exemplo, quando uma pessoa permanece muito tempo parada de pé em uma mesma posição, isso provocará desconforto, caracterizando assim um mal-estar, e por meio desse, a própria pessoa será obrigada a estabelecer uma nova posição que a proporcione conforto, nisso caracteriza-se o bem-estar.

As sensibilidades interoceptiva e proprioceptiva, juntas, fazem emergir uma nova sensibilidade, a exteroceptiva. Essa, na visão de Dér (2010, p. 62), a partir da teoria walloniana, caracteriza-se como sendo [...] estimulada pelos objetos do mundo exterior [...]. Ou seja, tem origem nos aspectos externos ao sujeito, portanto, são provenientes do mundo ou meio em que o próprio sujeito vive e assim lhe afetam, também, causando o bem ou mal-estar.

Dessa forma torna-se evidente a clara diferenciação entre afeto (carinho) e afetividade (como o meio e o sujeito se afetam). Assim, como Wallon (2007, p.117) considera as nuances que envolvem o sujeito, a afetividade da qual ele teoriza considera todos os fatos que ocorrem tanto da perspectiva do meio para com o sujeito, quanto do próprio sujeito para com o meio. Existe um envolvimento em que poderão surgir boas ou más sensações.

A dimensão da afetividade é um aspecto que constitui o sujeito, segundo Wallon (2007, p.117) são [...] domínios funcionais entre os quais vai se distribuir o estudo das etapas [...], as outras dimensões são: cognitiva, motora e a dimensão da pessoa que constitui todas as outras.

Com relação à dimensão cognitiva, essa é a gênese da subjetividade do sujeito, resultante ou provocada da interação com o meio em que vive; Gratiot-Alfandéry (2010, p. 89) afirma que é [...] o contato real com as coisas e a necessidade de agir sobre elas [...], ou seja, a cognição surge da sucessão dos conhecimentos do meio que rodeia o indivíduo e esse, por sua vez, manifesta sua subjetividade. Portanto, surge o que Gratiot-Alfandéry (2010, p. 90) afirma ser [...] o plano da representação, isto é, receber uma formulação estabilizada que dê conta da mudança [...].

O sujeito atribuindo significado ou representando os acontecimentos que foram decorrentes do meio externo, sendo que a partir desses fatos o próprio sujeito realiza segundo Wallon (2010, p. 90) a [...] ação objetiva [...], que é o agir após a representação dos acontecimentos, e, dessa forma, como continua Gratiot-Alfandéry (2010, p. 90) Não é simples sucessão, é passagem, ou seja, os fatores do meio em que o sujeito vive proporcionam elaborações mentais utilizadas na própria aquisição do conhecimento, formando um conjunto de processos que são utilizados na percepção. Com isso nos proporciona adaptação a esse meio externo devido ao conjunto funcional cognitivo. Esse por vez contribui com inúmeras funções que segundo Wallon (2010, p. 117) permite

[...] identificar e definir essas significações, classificá-las, dissociá-las, reuni-las, confrontar suas relações lógicas e experimentais, tentar reconstruir por meio delas qual pode ser a estrutura das coisas.

Para Almeida e Mahoney (2005, p. 18) o domínio funcional vai

[...] permitir a aquisição e manutenção do conhecimento por meio de imagens, noções, idéias e representações. É ele que permite ainda registrar e rever o passado, fixar e analisar o presente e projetar futuros possíveis e imaginários.

Podemos dizer que é todo um processo de desenvolvimento das capacidades psicológicas do indivíduo. A dimensão cognitiva ocorre diante da interpretação do indivíduo sobre os fatos e/ou acontecimentos que se desenvolvem ao redor dele, é a projeção do seu pensamento diante do que ocorreu no meio acessível a ele mesmo. O meio externo proporciona inúmeros e

diversos referenciais de aprendizagem, uma variedade de conjuntos de unidades de processos que levam o sujeito a intervir no plano de sua aquisição mental, ou seja, decodificar e compreender essa diversidade de fatos que ocorrem.

Para Wallon (2007, p.128) a dimensão motora tem origem [...] desde a vida fetal [...], e com isso desenvolve-se pela reunião ou formação dos tecidos e órgãos que correspondem aos músculos. Após o nascimento do bebê, os tecidos e órgãos continuam a se desenvolver, sendo que agora em contato mais direto com o meio externo, tornando mais suscetível a estados de bem ou mal-estar. Com isso torna-se perceptível que a dimensão motora possibilita condições que se ligam ao próprio organismo do indivíduo e para o desenvolvimento da dimensão da afetividade. É extremamente comum ocorrer o entrelaçamento das dimensões uma vez que percebemos que a dimensão motora é produto do encontro da dimensão cognitiva, que é o desenvolvimento das estruturas psíquicas, com a dimensão afetiva, que passa a ser quando o sujeito é afetado pelo meio em que está inserido.

Com o amadurecimento dos órgãos e tecido musculares, tornar-se-ão possível os movimentos ou atividades musculares, ou ainda como diz Galvão (2011, p.69) [...] à motricidade expressiva, isto é, à dimensão afetiva do movimento [...].

Antes da interação com o meio externo o movimento tem sua atuação com o meio humano, e com isso torna-se possível o desenvolvimento de duas funções da musculatura do recém-nascido, a função cinética e a função postural ou tônica.

A função cinética segundo Galvão (2011, p.69) [...] regula o estiramento e o encurvamento das fibras musculares [...], estas estão ligadas diretamente na realização do movimento ou deslocamento do corpo ou suas partes. Já a função postural de acordo com Galvão (2011, p.69) [...] regula a variação no grau de tensão (tônus) dos músculos. ou seja, é responsável pela forma dinâmica do corpo que se realiza. E ambas as funções tem maior visibilidade na realização dos movimentos de agarrar, empurrar, alongar ou tencioná-los contraindo, etc., que tem início no final do primeiro ano de idade. Por vez esses movimentos são chamados de *praxias*, e tem finalidades para compreensão do meio externo e assim adaptar-se a ele.

Por fim, o tónus deve estar em constante variação, pois estabelece ligação entre a função cinética com o movimento, e assim é regulado pelo próprio equilíbrio e a função postural que inclui a imobilidade, essa na qual exige intenso grau de tensão.

A função postural ainda se liga segundo Galvão (2011, p.71-72) [...] a atividade intelectual e [...] a percepção [...]. Na atividade intelectual essa função surge como sendo impulsos motores ou musculares provocados por conflitos, aversões ou estranhamentos provocados pelo próprio ato de pensar ou que leve a esse. A percepção por sua vez se dá no mesmo processo de interligação com a atividade intelectual e acrescenta-se ainda o que Galvão (2011, p.72) afirma [...] o corpo todo adota a posição mais adequada para a percepção. tornando-se a configuração muscular ao que o próprio corpo percebe visualizando ou sentindo.

A dimensão motora nada mais é que todo o processo de desenvolvimento físico do indivíduo, que se inicia, ainda, na vida uterina e desenvolve-se ao longo de sua vida. É um processo que envolve um progresso do sistema muscular assim como a intensidade que os mesmos desenvolvem constantemente durante a vida do sujeito. Na vida uterina esse processo ocorre pelo próprio processo natural de crescimento, fora do útero ganha estímulos do meio externo, e será a partir daí que se intensificam justamente a esse meio em que ele está em constante envolvimento que o fará amadurecer, também a atividade intelectual que o leva a conflitos no ato de pensar, e a percepção torna-se a resposta do corpo ao que ocorre a seu redor.

As dimensões da afetividade, cognição e ato motor são extensões que constituem a pessoa, dissociá-las é uma simples atividade para descrevê-las e assim melhor compreender como as mesmas se caracterizam, porém elas se efetivam em conjunto no próprio sujeito, Galvão (2011, p.37) descreve uma interação considerando que

O ato motor no ser humano garante desde o início a função de expressão da afetividade (por meio dos gestos, expressões faciais e agitação corporal). Essa atividade expressiva, possibilitada pela atividade motora, regula, modula e produz estados emocionais.

Nesse aspecto é nítida que uma dimensão preceda a outra; também é perceptível segundo Galvão (2011, p.38) que

Quanto mais a criança passa a dominar os signos culturais e desenvolver os aspectos cognitivos, mas o gesto motor tende a se reduzir como agitação, ganhando em refino e qualidade motora autônoma.

Em ambas as citações é notório percebermos que na primeira a dimensão motora está ligada a da afetividade e na segunda a cognição está interligada a dimensão motora. As dimensões se complementam, se interligam e sobrevivem da existência uma das outras e assim contribuem para o desenvolvimento do próprio indivíduo.

Por fim, a última dimensão é a da pessoa, que tem origem no desenvolvimento psicológico do indivíduo que interage com o seu entorno e progressivamente se torna um sujeito autônomo. Wallon (2007, p. 182) vem afirmar que é [...] nos primórdios da vida psíquica, em seu período afetivo, que a evolução da pessoa tem origem. E o desenvolvimento dessa dimensão sofre consideráveis influências das demais dimensões como a motora, a cognitiva, e como Wallon afirma, também, da afetiva.

Podemos afirmar que a dimensão da pessoa é o resultado das demais, e até chegar nessa o sujeito passa por inúmeros processos de conflitos consigo mesmo e com o outro. Todos esses processos são iniciados no próprio sujeito quando ainda criança. Ele irá confronta-se ao ter noção de que o seu eu não é parte do outro, que esse outro é um sujeito apartado do seu eu. Galvão (2011, p.50) ressalta, [...] até saiba identificar sua personalidade e a dos outros, correspondendo a primeira ao eu e as segundas à categoria do não-eu [...]. Ou seja, é um conflito interno que a criança começa a enfrentar, certo que esse avanço deve-se, inicialmente, a ela mesma, porém a existência do outro, o contato com esse outro ser leva-a a se perceber como um ser distinto.

Antes do amadurecimento de suas capacidades psíquicas unir-se a esse outro, progressivamente ocorre todo o confronto interno que leva as noções do eu e do não-eu, como foi dito por Galvão anteriormente. Wallon (2007, p.185) destaca claramente quando diz que a criança [...] começa a saber distinguir entre seus devaneios e o real [...], e para isso vai se desenvolvendo o eu psíquico que é sucessão do seu eu corporal, esse último é quando a criança diferencia seu corpo do mundo a seu redor. Galvão (2011, p. 51) diz que [...] a construção do eu

corporal é condição para a construção do eu psíquico [...] e é no eu psíquico que ocorre a repulsa, pois ao tornar ciente do seu eu a criança rejeita o que é diferente dela, ou seja, o não-eu, ou como diz Galvão (2011, p.54) [...] expulsar do eu o não-eu.

Na adolescência esses conflitos permanecem ocorrendo de uma forma muito planejada psicologicamente devido a seus avanços cognitivos, e assim perduram até a fase adulta onde sempre existiram quando sobrepõem às necessidades do eu contra as do outro. Prandini (2010, p.26) faz uma breve e considerável análise do que é compreender a dimensão da pessoa quando diz que

Compreender a constituição da pessoa como um processo em que se integram organismo e meio significa que o ser humano se desenvolve a partir de seu organismo, capaz de vir a ser homem, e que as funções potenciais do organismo surgem de acordo com as circunstâncias quem encontra no meio.

Com isso podemos considerar o que já foi dito anteriormente, que a dimensão da pessoa é um processo consequente, inicialmente, das dimensões cognitiva, motora e afetiva, ocorridas internamente no sujeito, como, quando criança, se liga intrinsecamente a existência do outro, e esse outro impulsiona o sujeito a se perceber como ser, onde o meio cultural torna-se influente no definir-se do eu, ou seja, o sujeito autônomo é resultado de um aglomerado de processos, conflitos e interações.

1.1 Espaços e processos em que se constroem a relação professor-aluno

Volvendo nosso olhar para o contexto mais pedagógico, porém sem deixar de considerar as dimensões da afetividade, motricidade, cognição e da pessoa, poderemos pensar como essas são contribuintes na relação professor-aluno. Para isso consideremos a escola, por excelência como um espaço de construção

do conhecimento onde professores e alunos interagem a todo o momento. Almeida e Mahoney (2005, p.13) esclarecem quando dizem que

[...] a escola é um meio fundamental para o desenvolvimento do professor e do aluno, ao dar oportunidades de participação em diferentes grupos; nesse meio, professor e aluno são afetados um pelo outro, e, ambos, pelo contexto onde estão inseridos [...].

Pensar a sala de aula não remete somente, na visão do professor, um espaço onde ele realiza sua ação didática (copiar no quadro, explicar e aplicar provas, e/ou na visão do aluno, receptor dessa ação (copiar no caderno o que está escrito no quadro, ouvir as explicações, perguntar quando tem dúvida e conseguir obter boa nota), ou melhor pensar assim é compactuar com a concepção tradicionalista de todo o processo educativo.

Esse espaço que é a sala de aula e/ou laboratório de vivências entre professor e aluno é um lugar gerador de novas experiências em que ambos experimentam novas aprendizagens e, nesse espaço, se tornam protagonistas de suas ações, principalmente quando o professor desenvolve atividades lúdicas com as crianças, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem.

Ao falarmos dessas novas experiências podemos destacar especialmente as dimensões motoras e cognitivas, pois existem avanços quando os alunos brincam e, nesse ato lúdico, desenvolvem suas funções do conjunto corporal, que conseqüentemente, desenvolverá suas capacidades cognitivas no aprender brincando e envolve, além disso, a dimensão da pessoa, quando em contato com os demais da sala de aula o aluno amplia sua capacidade de diferenciação do seu eu e do não-eu, justificando assim o adjetivo laboratório dado a sala de aula, com intuito de realmente destacar como sendo esse espaço de envolvimento do eu de cada aluno com a pessoa do não-eu (que é o outro, o seu colega de sala e demais da escola), é espaço de construção de novos conhecimentos (em conjunto com o professor), de realçar capacidades e/ou habilidades, de novos confrontos (quando deparados por intermédio do professor, de situações que os levem a reflexão e criticidade), ou seja, que se experienciem, tanto no contato da relação aluno-aluno e principalmente professor-aluno. Para justificar o que foi afirmado Kullo (2002, p.14) diz que a

[...] sala de aula - vivência - funciona como um espaço aberto que se impregna de fatos, acontecimentos, estudos, análises, conflitos, propriedades, teorias que estão agitando o meio em que vivem alunos e professor. Com isto, a aula acontece num momento de mão dupla: recebe a realidade trabalha-a com ciência e permite um retorno a ela com nova perspectiva para sua transformação. Transforma-se num espaço de relações pedagógicas.

Desse modo tanto o professor, quanto o aluno, necessita um da presença do outro, e assim se constroem nas atividades pedagógicas em sala de aula. Com todo esse aparato de envolvimento é impossível não falar da relação professor-aluno. Porém não pensemos numa relação somente baseada no diálogo, pois eminentemente a sala de aula é um lugar de relações, ou como diz Morales (1999, p.17) [...] tudo é relação e comunicação; até mesmo o modo de olhar os alunos diz algo para eles.

É possível afirmarmos que a relação não se traduz somente com o que foi considerado anteriormente, mas também, quando refletimos quais os efeitos que podem surtir em nossos alunos. A partir dessa reflexão, o professor deve se avaliar, enquanto responsável por manter uma boa relação, para que seja quantiquantitativa, no que concerne o bom andamento da aula, na melhor construção do conhecimento quando utilizando inúmeros recursos didáticos, quando avaliando os alunos, ao desenvolver as capacidades de motricidade e cognição, promovendo situações de envolvimento e discussão em grupo para favorecer o progresso da dimensão da pessoa, com isso a aprendizagem significativa do aluno.

A aprendizagem do aluno se efetiva na construção da própria aula, e Kullo (2002, p.11) vem esclarecer dizendo que [...] a aula é sim um pequeno mundo onde, nas ações e interações professores-alunos programa o dia-a-dia, realizar-se a educação de nossos educandos e educadores. É o que propicia, uma vez planejada qualitativamente pelo professor, o crescimento desses sujeitos. A esse crescimento dar-se o nome de processo de ensino-aprendizagem.

Devemos entender por ensino-aprendizagem como processos que não se efetivam de forma isolados, mas, em conjunto. Sobre o ensino Kullo (2002, p.10) diz que

[...] ensinar implica em uma nova forma de conceber a sala de aula que deverá ser apenas um local de transmissão, mas, principalmente, um espaço de construção de conhecimento. Para que isso ocorra, é necessário que o professor reveja o seu modo de ensinar e de conceber o ensino.

É imprescindível revermos a forma de conceber o ensino, pois significa refletir e agir para que a ação docente contemple as nuances que envolvem o aluno como as dimensões da perspectiva walloniana (afetividade, motricidade, cognição e pessoa). A exemplo dessas dimensões Almeida e Mahoney (2005, p. 4) afirmam que

[...] o processo ensino-aprendizagem facilitador do ponto de vista afetivo é aquele que permite a expressão e discussão dessas diferenças e que elas sejam levadas em consideração, desde que respeitados os limites que garantam relações solidárias.

Quando as autoras falam em diferenças referem-se aos estágios de desenvolvimento (impulsivo-emocional, sensório motor e projetivo, personalismo, categorial e, puberdade e adolescência) propostos por Wallon (1941/2007). Esses estágios são etapas que cada criança perpassa e é extremamente fundamental que o professor entenda-os para contribuir com sua ação de ensinar e garanta, efetivamente, a aprendizagem dos alunos. Entender refletindo e agir pedagogicamente sob esses estágios é desenvolver, não somente a afetividade, mas as demais dimensões e contribuir com os avanços na aprendizagem.

Construir uma aprendizagem significativa considerando os conhecimentos prévios dos alunos, todo arcabouço que traz consigo para escola e a esses relacionar aos saberes científicos. Antunes (2007, p. 30) ressalta que

[...] ensinar quer dizer ajudar e apoiar os alunos a confrontar uma informação significativa e relevante no âmbito da relação que estabelecem com uma dada realidade, capacitando-o para reconstruir os significados atribuídos a essa realidade a essa relação.

Aprender não significa somente a construção do conhecimento na aula, Antunes (2007, p.32) esclarece dizendo que

[...] é um processo que se inicia a partir do confronto entre a realidade objetiva e os diferentes significados que cada pessoa constrói acerca dessa realidade, considerando as experiências individuais e as regras sociais existentes.

A aprendizagem é a construção do conhecimento na escola e se torna significativa quando o professor considera os conhecimentos que seus alunos trazem de suas relações familiares e sociais e assim os mescla ao conhecimento científico produzindo-os verdadeiramente de forma coletiva, considerando as dimensões afetiva, cognitiva e motora de modo que a dimensão da pessoa seja imbuída de novos conhecimentos e da integralidade do indivíduo. Assim, podemos enfatizar que a aprendizagem que tem significância para o aluno é aquela que não se encerra nos muros da escola, mas que os transpõem é a que faz sentido para o processo de ensino-aprendizagem escolar.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa tem como foco principal o seguinte problema de pesquisa: Qual a compreensão de professores e alunos com relação ao entendimento da afetividade em sala de aula? Para responder a esse questionamento retomaremos os objetivos elaborados: Analisar a relação professor-aluno na perspectiva walloniana no contexto da sala de aula a partir da compreensão de professores e alunos; conceituar a afetividade segundo Henri Wallon; investigar as implicações da relação professor-aluno para a aprendizagem e refletir a importância da afetividade na relação professor-aluno.

A pesquisa foi realizada com duas professoras da rede pública de ensino da cidade de São João do Rio do Peixe/PB. Ambas atuam entre o 4º e 5º ano do Ensino Fundamental e trataremos as docentes com nomes fictícios para garantir o anonimato. Trataremos a docente do 4º ano como Professora Afeto que tem 30 anos de idade e há 07 anos atua como docente e tem como formação o curso Superior em Pedagogia. Com relação à professora do 5º ano denominamos de Professora Amigável que tem 49 anos de idade e há 23 anos atua como docente e também possui formação Superior em Pedagogia.

Tendo em vista as considerações teóricas explicitadas no tópico anterior, esta pesquisa tem caráter exploratório, pois [...] Ela tem como objetivo proporcionar maiores informações sobre o assunto que se vai ser investigado, facilitar a delimitação do tema a ser pesquisado, orientar a fixação dos objetivos [...] (PRESTES, 2008, p. 26), com procedimentos numa abordagem direta e direcionada a uma pesquisa de campo porque será

[...] Desenvolvida principalmente nas ciências sociais, a pesquisa de campo é aquela em que o pesquisador, através de questionário, entrevista, protocolos verbais, observações, etc., coleta seus dados, investigando seus pesquisadores no seu meio [...] (PRESTES, 2008, p. 27).

A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental localizada na zona urbana da cidade de São João do Rio do Peixe, Paraíba.

Para coletar os dados utilizamos um questionário com questões abertas, pois será mais favorecedor qualitativamente para verificar segundo os professores do Ensino Fundamental I o que pensam acerca da afetividade na relação professor-aluno e uma entrevista semiestruturada, gravada, para os alunos das referidas professoras participantes.

Para a escolha das participantes partimos dos seguintes critérios: Para as professoras: que fossem duas da escola pública, atuantes no Ensino Fundamental I e que aceitassem participar da pesquisa após o preenchimento do termo de consentimento. Para a escolha dos alunos pensamos em dois alunos de cada professora e que quisessem participar da pesquisa mediante a autorização dos pais e/ou responsáveis, concordando com o preenchimento do termo de consentimento.

No questionário realizado com as professoras constam quatro questões dissertativas acerca de como se caracteriza a relação de ambas com os alunos na escola, o que priorizam no sentido de atividades realizadas, que descrevessem a importância da relação professor-aluno na sala de aula, que exemplificassem momentos agradáveis e desagradáveis vivenciados na própria sala, que relatassem quais as implicações da relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem e, por fim, conceituassem a afetividade segundo o que entendiam.

A partir desse ponto analisamos os resultados constatados diante das entrevistas semiestruturadas realizadas com alunos dos Anos Iniciais da rede pública de ensino, sendo dois pertencem ao 4º ano e os outros dois ao 5º ano, com faixa etária entre 09 a 13 anos de idade. É fundamental ressaltarmos que a escolha desses alunos nessa faixa etária diz respeito à tentativa de uma melhor capacidade de expressão oral que recorrentemente esses alunos podem apresentar.

Esta monografia seguiu todos os procedimentos éticos necessários de uma pesquisa, seguindo assim as técnicas adequadas e não implicaram qualquer risco físico, psicológico, moral ou de prejuízos aos professores e alunos participantes.

O estudo cumprirá as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (196/96) editadas pela Comissão Nacional de Saúde, onde dispõe na terceira diretriz acerca da implicação da eticidade da pesquisa:

a) consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo e a proteção a grupos vulneráveis e aos legalmente incapazes (autonomia). Neste sentido, a pesquisa envolvendo seres humanos deverá sempre tratá-lo em sua dignidade, respeitá-lo em sua autonomia e defendê-lo em sua vulnerabilidade.

Em relação ao grau de vulnerabilidade dos sujeitos, não irá gerar nenhum risco ou trazer certo desconforto na hora de responder as perguntas, pois não haverá a identificação dos professores respondentes e dos alunos entrevistados, o que os deixarão à vontade e livres para responder, sem empregar nenhum tipo pressão.

A partir desses dados coletados realizamos a verificação dos mesmos para compreendermos como a afetividade está ou não presente no contexto atual da sala de aula na relação professor-aluno e no processo de ensino-aprendizagem.

Para a organização dos dados coletados organizamos a discussão em dois eixos temáticos, assim descritos: Relação Professor-Aluno: Concepções de afetividade no processo ensino-aprendizagem segundo professoras; Sala de Aula: professores e alunos construindo conhecimentos. Organizamos as falas de acordo com cada eixo e a análise partiu da mediação das respostas com a teoria estudada.

No capítulo seguinte apresento as reflexões de professoras e alunos feitas a partir da coleta dos dados. Assim, teremos condições de dialogar com o entendimento acerca da relação professor-aluno, da afetividade e as contribuições para o processo de ensino-aprendizagem.

3. ANÁLISES REFLEXIVAS: RESSIGNIFICAR PAPÉIS EM SALA DE AULA

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrates e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade.

(WALLON, 2007, p. 198)

Pensar sobre a afetividade é desvelar a concepção de que essa seja a pura demonstração e/ou externalização de gestos de carinho como abraçar, beijar a face, ou qualquer tipo agradável de contato epidérmico, ou ainda qualquer tipo de sensação, momento e situação que provoque bem-estar. Desvelar esse entendimento distorcido requer compreender a concepção de afetividade segundo Henri Wallon.

É imprescindível que todos os professores conheçam e internalizem a concepção de afetividade na perspectiva walloniana para que possam contribuir em sala de aula para uma boa relação professor-aluno, pois a sala de aula por si só é um espaço de relações interpessoais e alguns professores percebem essa relação de forma superficial, considerando-a apenas como o contato verbal entre aluno-aluno e professor-aluno.

Podemos enfatizar que, ainda, existem muitos professores que não percebem que construir uma boa relação em sala de aula vai além do que simplesmente um contato amigável com os alunos. Essa relação parte desse contato, porém se constrói diariamente quando o professor efetiva por meio de sua prática o diálogo entre todos no espaço da sala de aula, sempre orienta diante das dificuldades de cada aluno, desenvolve ou realça suas habilidades, trabalha dificuldades, celebra conquistas, etc., sempre considerando as nuances que cerca cada um.

A partir de estudos da teoria walloniana percebemos que era necessário considerar essas nuances que são inerentes a construção ou evolução do indivíduo, como a dimensão da afetividade, da cognição e a motora, e dentre

essas dimensões deparamo-nos com a afetividade conceituada por Wallon (1941/2007). Ele considera a afetividade como sendo todos os fatores que tanto podem provocar bem ou mal-estar ao indivíduo, como ele próprio poderá afetar o meio em que está inserido. A partir dos estudos voltados para a temática é que passamos a repensar o que entendíamos por afetividade.

Após vários momentos de estudos e tendo maior clareza das concepções wallonianas, percebemos o quanto é importante a resignificação dos nossos entendimentos iniciais e esse entendimento veio à medida que líamos o referencial teórico específico, para efetivarmos com as análises das falas dos professores e alunos participantes desta pesquisa.

Isso implica dizer que todo professor deve considerar no aluno as três dimensões caracterizadas por Wallon (1941/2007) e com isso abandonar a falsa ideia de que ao pensar e falar sobre afetividade seria pensar e falar unicamente em carinho, e que essa deva ser a base para se construir a relação professor-aluno.

Existe um abismo enorme quando se considera apenas carinho como a base da relação professor-aluno, especialmente considerando a proximidade com as teorias construídas, pois muitos professores se distanciam dessas concepções e não constroem um espaço qualitativo em suas salas de aula, muitos até se trançam dentro de si, ou seja, se acorrentam as suas antigas metodologias que em grande parte são ultrapassadas e até mesmo antipedagógicas.

Em alguns casos, professores se atém as suas formações de muitos anos e de lá até os dias atuais não se renovam teoricamente para as quais novas concepções surgem como contribuintes para a sala de aula, ou para aquelas que qualificam mais a aprendizagem do aluno, ou ainda quais métodos inovam na sala de aula e até favorecem o ato de ensinar. Muitas são as concepções que surgem sobre a relação professor-aluno, sobre o processo de ensino-aprendizagem, muitos são os estudiosos da afetividade na perspectiva de walloniana e estar ciente dessas novas bases teóricas é, também, função do professor, pois o exercício da docência exige pesquisa, investigação, aprofundamento, inovação, etc., porém, muitos professores não enxergam de forma reflexiva a sua própria prática.

Partindo dessas discussões juntamente com os resultados obtidos por meio do questionário que aplicamos as professoras e das entrevistas realizadas com os alunos, ambos dos Anos Iniciais da rede pública municipal de ensino, torna-se essencial analisarmos tais reflexões dos professores e alunos como meio de analisar para constatar a aproximação ou distanciamento das afirmações feitas com relação às discussões anteriormente consideradas.

3.1 Relação professor-aluno: concepções de afetividade no processo ensino-aprendizagem segundo professoras

[...] Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e "cinzento" me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. (FREIRE, 1996, p. 141)

Analisaremos os resultados obtidos a partir do questionário aplicado as professoras. Ambas atuam na rede pública municipal de ensino entre o 4º e 5º ano do Ensino Fundamental e trataremos as docentes com nomes fictícios, garantindo o anonimato.

Diante da primeira questão pedi as professoras para descreverem como é a relação de ambas com seus alunos na escola e o que priorizavam no sentido de atividades realizadas, a Professora Amigável descreve como sendo familiar, demonstrando que sua concepção há a antiga percepção de que a escola é como sendo uma segunda família, já em contraste a Professora Afeto descreve como sendo dinâmica, e nesse aspecto podemos perceber que essa professora reconhece que ocorrem diversos fatores no que diz respeito à relação professor-aluno. Após esse ponto inicial da questão, ambas comungam da importância do aluno falar, ou seja, revelam que se torna importante dar espaço para o aluno se expressar, expor oralmente o que ele pensa acerca da aula, tanto na forma como as atividades ocorrem como também expor os resultados. De acordo com as professoras podemos ver como consideraram

É uma relação familiar onde existe diálogo e uma troca de conhecimentos, procuro fazer com que eles sintam-se livres e a vontade para expressar o que pensam e sentem. No sentido de atividades realizadas eu priorizo a realidade do aluno fora da escola, ou seja, no meio em que vive, para confrontar com a realidade social (Professora Amigável).

Minha relação com os alunos é dinâmica, gosto de conversar com eles e ouvi-los sempre que surge algo de relevante na sala de aula. Procuro priorizar os debates, sempre investigando o conhecimento prévio dos alunos (Professora Afeto).

Em conjunto a esse fator, elas vêm revelar a importância do ato de ouvir o aluno, que se torna o dar atenção e em segundo plano considerar a fala ou pensamento expresso oralmente. Intrínseca e analiticamente tudo isso nos faz refletir que as professoras vão além da percepção superficial de ver a sala de aula como um espaço de relação, mas constroem a relação professor-aluno quando percebem e assim propiciam espaço para o aluno participar ativamente e interagir, se relacionar com o mesmo, para tornar possível, como diz a Professora Amigável uma [...] troca de conhecimento [...].

Outro fator importante e que merece atenção é que as professoras, por meio das atividades, priorizam os conhecimentos prévios dos alunos, bem como a realidade que os cerca como sendo contribuinte no processo de construção do conhecimento.

Com relação ao segundo questionamento sobre qual seria a importância da relação professor-aluno na sala de aula a Professora Amigável percebe como sendo importante, porque o professor seria o modelo no qual o aluno irá se espelhar, em específico seria um modelo de comportamento, compromisso e que se o próprio professor tiver uma atitude, como ela coloca :incorreta, ocasionaria a desmotivação do aluno. A professora descreve dessa forma

A relação professor-aluno em sala de aula é importante porque é no professor que o aluno se espelha, e uma atitude correta ou injusta do professor para com o aluno pode destruir definitivamente os sonhos almejados.

Já a Professora Afeto apresenta uma visão mais reflexiva e pedagógica, pois considera como sendo um meio de construção da aprendizagem e quando os alunos demonstram que aprenderam torna-se uma situação agradável ao educador justamente por perceber que ocorreu um progresso em sua aprendizagem, exemplificando dessa forma ela diz

A relação professor-aluno é essencial na sala de aula, pois é um meio em que o professor tem de se conseguir a aprendizagem dos alunos de forma significativa. Alguns momentos em que percebemos o avanço na aprendizagem dos alunos, ou reconhecimento deles quando percebem que aprenderam são muito agradáveis para nós educadores. No entanto quando vivenciamos situações de indisciplina, agressividade ou falta de compromisso dos educandos nós acabamos ficando desmotivados.

A Professora Amigável ao exemplificar nos faz ver uma proximidade com sua resposta na primeira pergunta. Ela vem relatar como experiência agradável a [...] conversa informal, brincadeiras, diálogo e ouvir a história de cada um. ... propiciar momentos em que o aluno possa se expressar e/ou falar. Com relação a fatores desagradáveis ela vem nos dizer que é a [...] falta de socialização entre colegas, agressividade, falta de respeito com os funcionários da escola e descobrir que tudo isso são fatores que vem do convívio familiar ...

De acordo com a Professora Afeto, ela discorre sobre exemplos agradáveis quando diz que [...] a aluna relata sua satisfação por estar lendo e dizer que 'tia' à ensinou. ... Em relação a exemplos desagradáveis relata que

Chegar na sala de aula e ter que resolver um conflito onde um aluno queria bater no outro e este ficou mais agressivo por não conseguir alcançar seu objetivo a ponto de me agredir por tem impedido tal episódio

No terceiro questionamento que se refere quais as implicações da relação professor-aluno para o processo de ensino-aprendizagem, as professoras divergem em suas perspectivas. Para a Professora Amigável a ausência da

participação da família, no que diz respeito a não imposição de limites, se torna fator contribuinte a não construção de uma [...] relação amigável. Nesse sentido podemos refletir sobre dois aspectos: a não efetivação do papel da família, quando a professora coloca que [...] o convívio familiar [...] não agiria na implicação de limites as crianças e essa ocasionaria dentro da escola [...] um mundo de revolta [...]. O segundo aspecto é com relação ao fator de senso comum ao descrever que a relação professor-aluno é uma relação amigável e que se torna impossibilitada quando o aluno traz essa revolta para dentro da escola. Fica evidente a contradição quando no primeiro questionamento desta análise ela vem caracterizar sua própria relação com seus alunos como sendo [...] uma relação familiar [...], ou seja, não deixa explícito sua concepção sobre essa relação.

Em uma visão contrária a da Professora Amigável, a Professora Afeto vem considerar que a boa relação do professor com o aluno resulta o [...] alcançar uma aprendizagem significativa [...]. Em sua consideração a professora demonstra o que ocorre com a relação professor-aluno e com o processo de aprendizagem significativa. Não somente uma aprendizagem planejada no plano de aula diário, ou que se limita a mera obrigatoriedade da ação de ensinar, mas decorre de uma percepção aguçada do professor em construir uma relação com seu aluno, e dessa emerge o entrelaçamento do processo de ensino aprendizagem, sendo assim o professor constrói sua ação de ensinar na perspectiva do porque o aluno deverá aprender tal conteúdo, e isso transpõe os muros da escola.

Com relação à Professora Afeto, ela faz menção à aprendizagem significativa com a motivação do aluno e para ela essa seria um dos principais fatores que impulsiona a aprendizagem sistematizada. Desse modo, é possível refletirmos que o próprio professor desperta, muitas vezes, essa motivação no aluno para que possa participar efetivamente da aula.

No último questionamento sobre o que as professoras entendiam sobre a afetividade a Professora Amigável mais uma vez vem se ater a afetividade no meio escolar como sendo [...] laços de amizade [...], na qual está mediado pela ação do professor, e isso resultaria em [...] fazer com que o aluno seja mais

carinhoso com o outro [...]. Mais uma vez o sentido de afetividade se torna sinônimo de carinho.

Nessa mesma visão também comunga a Professora Afeto, em que essa vem dizer que [...] afetividade é a relação que o educador desenvolve com seus alunos através do afeto [...]. Contrapondo a isso Mahoney e Almeida (2005, p. 19) dizem que [...] processos afetivos são todos os estados que fazem apelo a sensações de prazer/desprazer ou ligados a tonalidades agradáveis/desagradáveis. Ou seja, é o que Wallon (1941/1995) vem considerar ser afetividade.

As professoras mostram a mesma deturpação que muitos do senso comum apresentam sobre a afetividade como ligada ao carinho, conseqüentemente revelando o desconhecimento das concepções wallonianas, e esses contribuiriam tanto para revelar o verdadeiro sentido sobre a afetividade como também dar maior aporte à relação professor-aluno.

Em uma análise geral sobre as considerações das professoras diante dos quatro questionamentos, podemos perceber que elas aproximam-se, em determinados momentos, das concepções teóricas refletidas anteriormente nesse trabalho, porém em dados momentos se distanciam enormemente quando falam da relação professor-aluno ser pautada exclusivamente em situações de carinho e cuidados.

Para favorecer nossa reflexão até aqui suscitada vamos dividir em dois aspectos nosso entendimento inicial: a relação professor-aluno e a concepção sobre afetividade. Sobre a relação professor-aluno, as professoras reconhecem sua importância no que concerne existir na sala de aula, onde fica claramente explícito na fala de ambas. De acordo com a Professora Amigável [...] a relação professor-aluno é importante [...], para a Professora Afeto [...] a relação professor-aluno é essencial na sala de aula [...].

Até esse ponto as professoras convergem, pois reconhecem a importância da relação professor-aluno como essencial, porém a Professora Amigável ao justificar sua consideração atribui a figura do professor como sendo o modelo para os alunos, e isso reflete pouco aprofundamento teórico sobre o que vem a ser a relação professor-aluno, já a Professora Afeto se aproxima da verdadeira

concepção dessa relação quando diz que essa mesma [...] é um meio em que o professor tem de se conseguir a aprendizagem do aluno forma significativa [...].

A relação professor-aluno se constrói mediante a ação docente e tem como objetivo máximo a aprendizagem do aluno, e para isso o processo de ensinar se configura ativa na construção dessa relação. Kullok (2002, p.11) vem afirmar sob o ato de ensinar que [...] é desvelar um mundo novo, oculto para aquele que busca aprender [...], sobre aprendizagem ela afirma que [...] é o processo através do qual o sujeito se apropria ativamente do conteúdo existente. Ou seja, são processos que se integram na sala de aula, que sobrevivem da existência um do outro, e nesse espaço que é a sala deve ser definitivamente propício a existência de ambos. Por vez a aula deve ser, segundo Kullok (2002, p. 13-14)

Uma situação, um ambiente, um tempo em que estão presentes todos os grandes problemas, concretizados na interação educativa de professores e alunos que desenvolvem um programa de aprendizagem.

É justamente nessa interação efetiva como relação professor-aluno que se tem como foco a aprendizagem significativa. Na visão de Almeida e Mahoney (2005, p. 12) o processo de ensino-aprendizagem atrelado a perspectiva da afetividade [...] é o recuso fundamental do professor: sua compreensão, e o papel da afetividade nesse processo, é um elemento muito importante para aumentar a sua eficácia [...], ou seja, a afetividade é um potencializador que qualifica esse processo.

Se torna estreito e extremamente evidente o trio: relação professor-aluno, a perspectiva da afetividade e o processo de ensino-aprendizagem, um dá seqüência ao outro pela ação do professor. Quando o professor constrói a relação professor-aluno baseada na afetividade, vem garantir o processo de ensino-aprendizagem eficaz.

Nessa relação o professor também será o mediador para com seu aluno em construir essa relação diariamente na sala de aula, deve ele compreender que existem dimensões que envolvem o aluno e a afetividade é uma delas na perspectiva walloniana e o professor entenderá que sua ação quaisquer que seja, afeta o aluno, por vez essa dimensão impulsiona ao processo de ensino-

aprendizagem, que ambos os processos, tanto de ensino como de aprendizagem se unem gradativamente para favorecer a construção do conhecimento.

3.2 Sala de aula: professores e alunos construindo conhecimentos

Alguma coisa que acontece fora da sala,
como o tempo de aprendizagem que nunca
vão ensinar na escola.

(Reflexivo, aluno do 4º ano)

Analisar essa fala de forma isolada de quem a construiu nos leva a pensar que seja um grande autor que pensa a fundo sobre a educação, porém o que nos estarrece, muito mais além do teor da própria citação, é seu autor ser nada mais que um aluno do 4º ano dos Anos Iniciais com idade de 13 anos.

Focando na fala do aluno :Reflexivo~ podemos perceber dois aspectos principais, o primeiro nos leva a refletir que esse :tempo de aprendizagem~ trata-se do ritmo e tempo diferenciado que cada educando possui para construir significado com os conteúdos que são abordados pelo professor durante a aula, assim como também existem formas, utilizando os diversos recursos didáticos, que podem ou não facilitar a aprendizagem. O segundo aspecto nos leva a reflexão de que se os conteúdos escolares abordados em sala de aula possuem ou não utilidade para o próprio aluno fora da escola, se os professores são capazes de resignificá-los para transpor o saber sistematizado.

A partir desse ponto podemos analisar os resultados constatados diante das entrevistas semiestruturadas realizadas com alunos dos Anos Iniciais da rede pública de ensino, sendo dois pertencem ao 4º ano e os outros dois ao 5º ano, com faixa etária entre 09 a 13 anos de idade. Como requisito para a realização da entrevista os responsáveis por cada criança concordaram com a participação dos mesmos diante da assinatura do Termo de Comprometimento de Livre Esclarecido, possibilitando assim a publicação dos resultados. Vale ressaltar que

esses anos (séries) foram escolhidos pensando na melhor capacidade de expressão oral que recorrentemente esses alunos podem apresentar.

A entrevista consiste em quatro perguntas que possibilitava outros novos questionamentos, e para manter o rigor ético e sigiloso foi atribuído nomes fictícios aos alunos.

A primeira pergunta questiono-os como era a relação de ambos alunos com suas respectivas professoras em sala de aula. Todos os nomes escolhidos para denominar os alunos são fictícios. Desse modo podemos dizer que para o Aluno Reflexivo, para a Aluna Família e para a Aluna Consciente os mesmos consideraram como sendo uma relação `Boa_, já com relação a Aluna Pensante esta diz [...] ela é muito paciente comigo, demais certas vezes._, nessa fala podemos perceber que a própria aluna baseia-se na observação para com dessa forma o comportamento paciente de sua professora diante de alguns momentos de indisciplina. Sobre isso Minicucci (1982, p. 31) diz

Quanto mais você observa o comportamento dos outros, agindo operacionalmente, mais vai ampliando o seu potencial de sensibilidade e o elenco de comportamentos analisados. Assim, você terá mais condições de interpretar os outros pelo que eles são [...]

Sendo assim o que a própria aluna fez, caracterizou sua relação com a professora baseada no convívio e observação. Nessa mesma pergunta questionei-os o porquê esta era a forma que caracterizavam a relação com a professora, e para o Aluno Reflexivo é um fator ligado a convivência em sala de aula, e isso fica claro quando ele diz [...] depende, se a pessoa se acostuma com ele e aí vai levando tudo normal._, essa convivência em que um `se acostuma_ com o outro nada mais é que um resquício da relação professor-aluno, onde ambos os sujeitos se constroem gradativamente.

Kullok (2002, p. 20) falando sobre a relação professo-aluno, no tocante sobre a construção da aula é preciso [...] que o trabalho ocorra de forma conjunta e participativa_. Ou seja, a construção da aula permite que tanto o professor como o aluno se interajam para a construção da aprendizagem, são sujeitos indissociáveis.

Com relação a Aluna Pensante, ela vem dizer [...] porque ela é uma professora muito especial, eu acho assim. perguntei em que sentido essa característica especial se tratava e respondeu `bom, é claro. A Aluna Família justificou sua boa relação com a professora dizendo `porque a professora ensina bem [...], por fim a Aluna Consciente vem dizer `porque as professoras são muito gentis com cada aluno [...]. E nesse contexto as alunas Pensante, Família e Consciente basearam-se em experiências que se caracterizavam em sala de aula, em experiências que foram vividas e por isso o porquê de ambas é baseado em suas próprias impressões. Agregando a isso Minicucci (1982, p. 36) diz `por meio da percepção social formamos impressões sobre as pessoas e por meio das nossas experiências com elas. justificando assim o que leva as alunas a considerarem.

A segunda pergunta questiona sobre qual a importância da relação professor-aluno em sala de aula, e para o Aluno Reflexivo deve-se `por causa que o professor entende quando o aluno fala alguma coisa e os outros não entende. com isso o aluno revela aquilo que é uma das funções do professor, ou seja, a compreensão do que o próprio aluno fala e faz em sala de aula. Kullokk (2002, p. 21) contribui dizendo [...] os alunos valorizam professores que estabelecem relacionamento definindo claramente funções [...], e falar em relação no contexto escolar entre professor e aluno é não pensar em sujeitos isolados em suas ações, como por exemplo, o professor unicamente ensina e o aluno unicamente aprende, isso é uma função didática para ambos pois o aluno procura a escola querendo aprender e a presença do professor remete ao ato de ensinar, porém quando falamos em função pedagógica estamos atribuindo a uma via de sentido duplo, ou seja, tanto o professor como o aluno ensinam e aprendem dentro dessa própria relação.

Para a Aluna Pensante, a mesma não conseguiu responder a pergunta, mesmo diante do tempo prolongado que a deixei pensando, com isso reformulei a segunda pergunta utilizando a resposta que a mesma considerou na primeira pergunta, com isso, estruturou-se dessa forma: por que é importante ter essa relação de paciência dentro da sala de aula com você? A aluna respondeu: [...] ela é com todos os alunos, a verdade. Nessa fala da aluna podemos perceber que ela considera como um todo e não somente a si própria, mesmo quando a

pergunta enfatiza sobre sua pessoa, ou seja, ela pensa envolvendo todos os seus colegas. Minicucci (1982, p. 36) diz que `Se as nossas percepções e os nossos julgamentos acerca dos atos são corretos, estabelece-se uma comunicação autêntica e torna-se possível uma relação interpessoal conjunta._

Ou seja, que passamos a considerar o todo que nos cerca a partir de quando nos envolvemos com o outro, passando a considerar e/ou refletir sobre o mesmo. Com relação a Aluna Família ela diz `porque a professora ensina e devido ela ensinar a gente aprende mais e mais._ Ao considerar dessa forma sua relação com a professora a aluna descreve um dos eixos principais que surge da relação professor-aluno que é a aprendizagem do próprio aluno, Almeida e Mahoney (2005, p. 26) dizem que `a forma como o professor se relaciona com o aluno reflete nas relações do aluno com o conhecimento [...]._ O professor é o mediador e/ou ponte que liga o aluno ao conhecimento que se constrói em sala de aula, e para isso ocorre de forma efetiva cabe a ele ser o responsável por estabelecer uma relação com seu aluno. Por fim, para a Aluna Consciente, essa considera que é [...] de amigo._ e para justificar a fala da aluna Morales (1999, p. 30) diz que [...] há muitas maneiras de ser um bom professor, de manter um bom relacionamento com os alunos e de influenciar de maneira muito positiva._ Com isso o ato de influenciar descrito por Morales não deve ser confundido com indução ou coerção, mas é como ele descreve em sequência como sendo positiva, e dessa forma contribuirá progressivamente para o desenvolvimento do aluno.

Ainda nesse questionamento perguntei o porquê da importância da relação professor-aluno em sala de aula, e para o Aluno Reflexivo deve-se [...] por causa que ele convive com esse aluno e entende as coisas dele._ Novamente o aluno vem se ater puramente a relação professor-aluno frisando com isso a relevância da convivência, que aparece descrita em sua fala, e desse envolvimento o próprio professor compreenderá o que parte do aluno. A Aluna Pensante considerou inicialmente essa pergunta como sendo difícil, somente na terceira vez que a questioneei, após um tempo, é que a mesma respondeu dizendo que `porque eu acho que [...] nenhum da gente dá trabalho a ela e nem ela dá trabalho agente._ nessa fala da aluna considera sobre seu comportamento e de seus colegas e assim como também se porta a professora, e quando a aluna considera sua

professora não lhes dando trabalho reflete que a mesma não os repreende em grandes constâncias e assim ambos (professor e aluno) se envolvem afetivamente de forma a provocar bem-estar.

A Aluna Família vai além quando responde dizendo [...] porque quando a gente crescer vai saber muitas coisas e nem vai ser que nem aquelas pessoas que não sabe ler, que não sabe escrever. com isso podemos perceber claramente que ela é consciente quando relata que quem não desenvolve a capacidade de aprender a ler e escrever se torna algo ruim, e isso é enfatizado quando em sua fala demonstra interesse por querer aprender e renega indiretamente o não saber ler e escrever.

Já a Aluna Consciente faz uma consideração muito distinta dos demais, ela afirma `porque a professora é como se fosse uma segunda mãe da gente. , nessa visão a aluna projeta na professora a antiga concepção familiar, visualizando na própria professora a figura maternal, em outra forma de pensar criticamente essa é a visão do falso parentesco e dessa forma não pode-se estruturar a relação entre professor e aluno, esse último deve conceber o professor como sendo sujeito apartado, desligado e/ou desconexo de quaisquer que seja a figura parental, mas percebê-lo como aquele que conduz a aula, que ajuda-o na construção da aprendizagem.

Com o fim da segunda pergunta e demais questionamentos dentro dessa pedi para exemplificarem sobre algo que considerassem bom que já havia ocorrido em sala. Para o Aluno Reflexivo ele vem relatar uma experiência própria que diz `se dedicar [...] eu começar a prestar atenção na aula por causa que antes eu não estava prestando. , com isso podemos nos basear em Kullok (2002, p. 18) quando conceitua um dos pilares da educação dizendo [...] aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente [...]. , dessa forma o aluno muda sua forma de agir, ou seja, aprende a fazer, um novo fazer, e volta sua atenção ao que se constrói em sala de aula. Com relação as alunas Pensante e Família, elas vem discorrer sobre um mesmo eixo, brincadeiras e dinâmicas em sala, as mesmas dizem:

Quando ela (professora) faz brincadeira com a gente.
(Aluna Pensante)

A professora, ela fez uma dinâmica lá na sala, é assim, é como é que você pode ajudar o colega [...] a pessoa pinta em desenho só e o outro a gente tem que pintar de várias cores, por causa que a gente tem que saber que a gente só não consegue nada. (Aluna Família)

As alunas descrevem que esses momentos de descontração são situações agradáveis, algo de bom que ocorre na sala de aula. Em especial a aluna Família que descreve uma dessas dinâmicas que objetivou levar a todos da sala de aula a desenvolverem o espírito de coletividade. Já em relação a Aluna Consciente relata um acontecimento ocorrido entre os colegas, dizendo que 'foi ontem à tarde, tia estava explicando [...] aí graças a Deus os meninos pararam, nunca, nunca brigando.' ou seja, descreve que pela intervenção da professora, durante a construção de uma aula, pode interferir no comportamento hostil que os demais alunos vinham apresentando.

Fica claro que a intervenção do professor é decisiva nos processos que se constroem em sala, Mahoney e Almeida (2005, p. 26) afirmam que '[...] a forma como o professor se relaciona com o aluno reflete [...] nas relações aluno-aluno.' A relação, efetiva, professor-aluno é otimizadora qualitativa da interação aluno-aluno.

Após esses exemplos do que seria bom ou agradável ocorrido em sala de aula, pedi que explicassem sobre algo que já ocorreu e que não os agradou. Para as alunas Pensante, Família e Consciente não existiu nenhum fato que ambas consideraram como sendo ruim, sendo o Aluno Reflexivo o único a descrever '[...] que os outros alunos não gosta muito dos estagiários [...]', nessa fala ele descreve claramente sua atenção para com o comportamento dos demais colegas e não se coloca como participativo nesse fato ocorrido.

A terceira pergunta enfatizava sobre as atividades realizadas em sala de aula faziam com que os alunos aprendessem o conteúdo, e para as alunas Pensante, Família e Consciente relatam unicamente que sim, porém o aluno Reflexivo faz pertinente consideração quando diz que 'é ótima, por causa que a pessoa vai aprendendo as coisas e o professor vai passando o que aprendeu e também o que a pessoa não aprende na sala de aula.' nesse ponto ele considera

os saberes acumulados que cada aluno traz consigo ao entrar na escola, Antunes (2007, p. 23) vem dizer que

Uma aula de verdade não se confina à sala de aula e os saberes na mesma provocados representando desafios para que os alunos os contextualizem na vida que vivem, em muitos outros espaços onde convivem.

Os conteúdos escolares não são albergues da própria sala de aula, mas contextos da vida além dos muros da escola onde os alunos, com auxílio do professor, atribuem novos significados e constroem a aprendizagem significativa.

Dentro dessa pergunta o como essas atividades os faziam aprender os conteúdos, e para o Aluno Reflexivo vem dizer que `alguma coisa que acontece fora da sala, como o tempo de aprendizagem que nunca vão ensinar na escola.`, e essa fala nos faz refletir a diversidade que existe quando se tratando no tempo em que cada aluno tem para aprender e as diversas formas que facilitam ou não a aprendizagem.

Para a Aluna Pensante deve-se [...] porque ela explica os conteúdos, explica as atividades [...] as atividades quem vem pra gente ela explica tudo.`, com isso a aluna nos revela que é por intermédio da ação docente, quando confrontando em sala os conteúdos, constrói-se a aprendizagem, e torna-se perceptível quando um professor produz essa aprendizagem na visão de Antunes (2007, p. 32) quando diz que o próprio professor [...] considera a realidade objetiva ou as circunstâncias que envolvem seu aluno, isto é, quem este aluno é, o que sabe, o que busca saber, onde se pretende leva-lo com a aprendizagem.`,

Portanto, o professor é quem conduz essa situação porém o motivo a conduzir é a pessoa do aluno, revelando assim a perspectiva atual da prática docente centrada na aprendizagem. Para a Aluna Família, ela considera como `coisa boa.`, não revelando assim algum aprofundamento. Já em relação a Aluna Consciente diz que [...] antes eu não sabia ler ainda, agora já começo a saber a ler, aí quando cheguei no 5º ano tia passou um `bucado` de tarefa aí eu fui aprendendo a ler [...].`, mais uma vez torna-se perceptível a importância da mediação do professor, nesse caso relatado por esta aluna por meio da própria atividade realizada pela professora.

Ainda dentro dessa terceira pergunta, indaguei sobre o porquê de como as atividades realizadas os fazia aprender, sendo que o Aluno Reflexivo considerou unicamente dizendo `porque não sei._ não revelando nada mais, porém a Aluna Pensante considera que `eu acho que porque pra gente ficar oriente [...]._ ou seja, `ficar oriente_ é apropriar-se do conteúdo, aprender.

A Aluna Família diz `porque [...] aquela tarefa que ela passa ela explica e depois [...] quem não tiver sabendo agente vai lá e ela ensina._ a aluna vem revelar a pura interação entre professor e aluno, onde o próprio professor é esse suporte para as construções que o aluno consolida. Antunes (2007, p. 30) revela quando fala que [...] ensinar quer dizer ajudar e apoiar os alunos a confrontar uma informação significativa e relevante no âmbito da relação que estabelecem com uma dada realidade [...]._ ou seja, a ação do professor para a construção da aprendizagem se torna balizadora para a ação do aluno. Por fim a Aluna Consciente afirma `porque agente lê muito bem aí tia passa isso pra gente._ ou seja, a ação da professora gera o desenvolvimento da capacidade de cada aluno no processo de leitura.

Com relação a quarta e última pergunta, essa questiona o que os alunos entendem por afetividade, e para as alunas Pensante, Família e Consciente estas relatam que não entendem o que seria afetividade e/ou o significado dessa palavra, porém o Aluno Reflexivo diz [...] que a pessoa vai se acostumando com o professor e o professor vai se acostumando com o aluno e aí eles formam uma parceria._ nessa fala do aluno, por mais baseada no senso comum que seja, aproxima-se do que realmente vem a ser afetividade conceituada por Wallon, quando ele relata que tanto o professor, quanto o aluno acostumam-se um com o outro; descreve indiretamente que nesse processo em se acostumar existe os momentos em que ambos se estranham, que indeterminados momentos um não causa bem-estar ao outro, e isso vem trazer o próprio eixo da relação professor-aluno onde ambos se envolvem gradativamente na construção da aprendizagem, e nesse envolvimento ocorre justamente esse acostumar, ou seja, professor e aluno se afetando em meio as suas interações no contexto as sala de aula.

Em seguida pedi para exemplificarem sobre algo que mais gostavam e que menos gostavam que a professora faz em sala de aula, para o Aluno Reflexivo o que mais gosta é `por causa que ela mostra as coisas, não cansa de explicar até

a pessoa aprender. , para ele a ação docente fazendo-o aprender é algo bom, e verdadeiramente esse fato é agradável, assim como descreve Antunes (2007, p. 33) [...] os professores, pois, [...] não apenas ajudam seus alunos a se perceberem percebendo os outros, mas, efetivamente ao ensinar fatos, na verdade ensina seus alunos a aprenderem. , e é justamente o que nos revela Antunes que o Aluno Reflexivo considera ser algo bom. Sobre algo ruim vem dizer que `os alunos que ficam deixando as coisas difíceis pro estagiário [...]. , nessa fala do aluno descreve como sendo as ações dos alunos o motivo gerador que o desagrada, não sendo a própria professora protagonista de algum fato.

A Aluna Pensante descreve `eu gosto dela porque ela [...] é uma professora comum, mas especial é especial pra gente que tá na sala, então porque ela é paciente com nós todo da sala. , novamente a aluna descreve o `ser_ paciente da professora e para a própria aluna é algo bom, e descreve como algo ruim `quando ela fica com a carinha feia pra mim também. , após considerar isso questionei o que levaria a professora a esboçar tal expressão, e a aluna considerou `eu acho quando que eu fico conversando com minhas amigas [...] e não fico prestando atenção na atividade. , ou seja, assim como o Aluno Reflexivo a Aluna Pensante não descreve puramente algo ruim da professora, mas dos seus colegas e do próprio comportamento inadequado em determinadas vezes.

Com relação à Aluna Família, ela diz que [...] o aprender dela a ensinar os alunos. , ou seja, mais outro exemplo da importante atuação da professora, dando suporte ao que a aluna considera, Mahoney e Almeida (2005, p. 12) dizem que o professor [...] ao ensinar, está promovendo o desenvolvimento do aluno e o seu próprio. , ou seja, ambos são responsáveis e/ou impulsionadores um do progresso do outro. Em relação a algo que menos gosta a aluna considerou que não existia.

Para a Aluna Consciente, a mesma afirmou que `quando é na aula de Educação Física que ela (professora) traz um :bucado` de jogo pra gente. , nessa fala a aluna traz com momentos recreativos construídos nessa disciplina cita e como algo que não gosta diz que `é a prova de matemática [...]. , e justifica quando indaguei a todos o porquê das considerações sobre algo que gostam e que menos gostam que a professora faz, então a Aluna Consciente afirma

porque estava muito difícil e eu não estava sabendo de nada. Com relação as Alunas Pensante e Família, ambas não responderam.

Por fim o Aluno Reflexivo diz que por causa que eles sabem que é um tempinho que ele (estagiário) vai ficar na sala e esse tempinho é só pra ajudar a ele, justificando assim o que considerou anteriormente e revelando indiretamente como não sendo a professora o fator gerador de algo que considera não gostar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que podemos considerar a partir dos dados coletados é que com relação às informações coletadas, das professoras, vimos de forma satisfatória que ambas, quando se trata da relação professor-aluno em sala de aula, vão além do pensamento superficial em conceber a própria sala de aula como sendo espaço de interação ou da própria relação entre professor e aluno, e para elas essa relação propicia a participação ativa do aluno no construir a aula e conseqüentemente a aprendizagem.

Com isso foi alcançado o que propomos, especificamente nos objetivos, quando tratamos de investigar as implicações da relação professor-aluno para a aprendizagem. Porém, quando consideramos o último objetivo que almeja refletir a importância da afetividade nessa relação, consideramos como algo preocupante, pois a afetividade para as professoras é uma relação de amizade para uma e para a outra um relação de carinho, ou seja, muito distante do que se fundamentou no primeiro capítulo.

Com relação aos alunos podemos considerar suas respostas as perguntas da entrevista e em consonância com os objetivos como sendo muito mais satisfatórias quando comparadas a análise das professoras respondentes ao questionário que foi proposto para ambas.

Para os alunos as perguntas os questionavam sobre como era a relação de ambos com suas respectivas professoras e o porquê de tal relação, qual a importância da relação professor-aluno em sala de aula e pedimos para exemplificarem sobre algo bom e ruim que já ocorreu em sala.

Por fim, na última questão perguntamos sobre o que os alunos entendiam por afetividade e o que ambos mais gostavam e menos gostavam que as professoras faziam em sala. Então é considerável afirmar que as respostas foram bem aprofundadas, principalmente levando em conta a faixa etária de (09 a 13 anos) citada na caracterização dos dados coletados.

Sendo assim é relevante afirmar que as respostas dos alunos esclarecem, de uma perspectiva diferenciada quando em relação a das professoras, como se caracteriza a relação professor-aluno em sala de aula tendo como finalidade o

processo de ensino-aprendizagem. No que diz respeito à afetividade somente um único aluno conseguiu responder esclarecendo realmente o que é afetividade aproximando-se do que conceituamos no capítulo teórico.

Por fim, podemos considerar que foi possível alcançar todos os objetivos e delinear um quadro sobre o que pensam professores e alunos a respeito do que vem a ser a relação professor-aluno numa perspectiva conceituada por Henri Wallon e que essa é contribuinte para o processo de ensino-aprendizagem.

Mesmo havendo alguns distanciamentos e/ou deturpações, porém em determinados fatores há também proximidades e mais uma vez podemos perceber que é necessário ao professor sempre avaliar-se enquanto sujeito responsável por conduzir o aluno e, junto com ele, a construção da aprendizagem, pois avaliar-se e pesquisar são atividades inerente ao ser professor ocasionando-lhe enriquecimento e contribuições em sua prática pedagógica para afetar agradavelmente o seu aluno, assegurando que o mesmo estabeleça significativamente ao que se constrói aprendendo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Professores e professores**: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. Vozes. Petrópolis, RJ, 2007.

DÉR, Leila Christina Simões. A conquista da pessoa: dimensão afetiva. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **A conquista da pessoa na proposta de Henri Wallon**. Edições Loyola. São Paulo, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à prática educativa**. 9ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Isabel. **Henry Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Vozes. Petrópolis, RJ, 2011.

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. **Henri Wallon**. Editora Massangana. Recife, 2010.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade e práticas pedagógicas**. In: **Afetividade e práticas pedagógicas**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

KULLOK, Maisa Gomes Brandão. **Relação professor-aluno**: contribuição à prática pedagógica. EDUFAL. Maceió, 2002.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem**: contribuições de Henry Wallon. Psicologia da Educação, v.20, p. 11-30, 2005.

MINICUCCI, Agostinho. **Relações Humanas**: psicologia das relações interpessoais. 3 ed. - Atlas. São Paulo, 1982.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno**: o que é, como se faz. Edições Loyola. São Paulo, 1999.

PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **A constituição da pessoa: integração funcional**. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho (Orgs.). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004.

WALLON, Henri. **A relação psicológica da criança**. Editora LTDA. São Paulo, 1941/2007.

_____. **A evolução psicológica da criança**. Tradução: Cristina Carvalho. Lisboa: Edições 70, 1941/1995.

APÊNDICE A



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Prezado Professor(a)

A presente pesquisa intitulada: **RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: compreensões acerca da afetividade em sala de aula** tem como principal objetivo analisar a relação professor-aluno na perspectiva walloniana no contexto da sala a partir da compreensão de professores e alunos.

A pesquisa será realizada mediante a realização de um questionário e os resultados obtidos serão analisados por mim e pela Orientadora. Sua identidade será mantida em sigilo, bem como sua instituição. Os procedimentos previstos, para esta pesquisa, não envolvem qualquer desconforto para os participantes.

Sua participação é valiosa para o desenvolvimento da pesquisa e para a produção de conhecimentos na área da Educação.

Atenciosamente,

Jandilson de Sousa Oliveira
Aluno do Curso de Licenciatura em Pedagogia/UFCG/CFP/UAE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Discuti com o Pesquisador Jandilson de Sousa Oliveira, aluno do Curso de Pedagogia, sobre a minha decisão de participar deste estudo voluntariamente. Ficaram claros, para mim, quais são os propósitos da pesquisa, os procedimentos a serem utilizados e a garantia de confidencialidade.

Cajazeiras/PB, ____/____/2014.

Jandilson de Sousa Oliveira
Pesquisador

Assinatura do participante da pesquisa
RG.:

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Prezados Pais do(a) aluno(a).....

A presente pesquisa intitulada: **RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: compreensões acerca da afetividade em sala de aula** tem como principal objetivo analisar a relação professor-aluno na perspectiva walloniana no contexto da sala a partir da compreensão de professores e alunos.

A pesquisa será realizada mediante a realização de uma entrevista semiestruturada e os resultados obtidos serão analisados por mim e pela Orientadora. Sua identidade será mantida em sigilo, bem como sua instituição. Os procedimentos previstos, para esta pesquisa, não envolvem qualquer desconforto para os participantes.

Sua participação é valiosa para o desenvolvimento da pesquisa e para a produção de conhecimentos na área da Educação.

Atenciosamente,

Jandilson de Sousa Oliveira
Aluno do Curso de Licenciatura em Pedagogia/UFCEG/CFP/UAE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Discuti com o Pesquisador Jandilson de Sousa Oliveira do Curso de Pedagogia, sobre a minha decisão de participar deste estudo voluntariamente. Ficaram claros, para mim, quais são os propósitos da pesquisa, os procedimentos a serem utilizados e a garantia de confidencialidade.

Cajazeiras/PB, ____/____/2014.

Jandilson de Sousa Oliveira
Pesquisador

Assinatura do participante da pesquisa
RG.:

APÊNDICE C

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**

**QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AS PROFESSORAS**

1. Como é sua relação com os alunos na escola? O que você prioriza no sentido de atividades realizadas?
2. Qual a importância da relação professor-aluno em sala de aula? Por que? Cite exemplos agradáveis e desagradáveis vivenciados em sala de aula com os alunos.
3. Quais são as implicações da relação professor-aluno para o processo de ensino-aprendizagem?
4. O que você entende por afetividade?

APÊNDICE D

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**

**ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRECIONADA AOS ALUNOS (AS)**

1. Como é sua relação com a professora em sala de aula? porque?
2. Qual a importância da relação professor-aluno em sala de aula? porque? você teria um exemplo de algo bom e de algo ruim que já aconteceu na sala de aula?
3. Para você as atividades realizadas em sala de aula te fazem aprender o conteúdo? como? por que?
4. O que você entende por afetividade? o que você mais gosta e o que você menos gosta que a professora faz em sala de aula? por que?